

CAP. XIX

Do segundo incêndio que houve nesta Ilha

Estando Deus Nosso Senhor de propósito ressentido do nosso descuido, mandou denunciá-lo pelo incêndio que abrasou esta Ilha no ano de 1585⁸¹.

CAP. XX

Do primeiro governador de S. Tomé

Francisco de Figueiredo chegou a esta Ilha no ano de 1586 e, dentro de poucos meses, faleceu. Foi o primeiro que trouxe o título de governador, pois os mais, até àquele tempo, vinham com título de capitão de S. Tomé⁸².

CAP. XXI

Do segundo governador de S. Tomé

Miguel Teles de Moura chegou a esta Ilha no ano de 1587. Teve dares e tomares com o bispo D. Frei Martinho de Ulhoa. Faleceu o dito governador no ano de 1591.

CAP. XXII

Do falecimento do bispo D. Frei Martinho

O senhor D. Frei Martinho [de] Ulhoa visitou não só todas as freguesias desta Ilha, mas também, com incansável zelo, o reino de Congo, duas vezes. Consta que foi o primeiro que celebrou sínodo diocesano na Sé Catedral desta cidade de S. Tomé e reformou estatutos e regimento do cabido. Nestes pensamentos e em semelhantes ocupações, o colheu a morte⁸³. Está sepultado

⁸¹ Aparentemente este incêndio deveu-se a razões acidentais.

⁸² Os primeiros governantes das ilhas são *capitães-donatários*. Em 1522, é abolida a capitania de São Tomé, passando os responsáveis máximos do arquipélago a ser nomeados pelo rei, recebendo apenas o título de *capitães*. Quando se passa à designação de *governadores*, é também atribuído a alguns deles o título, de carácter honorífico, de *capitães-gerais*.

⁸³ D. Martinho de Ulhoa renunciou ao bispado de São Tomé antes de 17 de Fevereiro de 1592, data em que é confirmado D. Francisco de Vila Nova como seu sucessor (*MMA*: III, 439). Segundo Cunha Matos, depois da renúncia, que se teria dado cerca de 1580, o bispo recolheu-se a Portugal, tendo falecido em 8 de Agosto de 1606 e sido sepultado na Igreja de N^a S^a da Luz, em Lisboa (C. Matos, 1963: 187).

na capela-mor da dita Sé, mas o ano e dia [da sua morte] são incertos e mal averiguados.

CAP. XXIII

Do terceiro governador de S. Tomé

Duarte Peixoto chegou a esta ilha no ano de mil quinhentos noventa e um e no mesmo ano faleceu.

CAP. XXIV

Do quarto bispo e do quarto governador de S. Tomé

D. Francisco de Vila Nova chegou a esta Ilha no ano de 1592 e, no seguinte ano de 1593, chegou o governador D. Fernando de Menezes.

CAP. XXV

Do levantamento de Amador

Não deixarei de contar aquele grande sucesso que aconteceu no governo destes dois príncipes, em que teve um negro cativo valor de se levantar por rei⁸⁴. Vieram a dar as bonanças desta terra na maior ruína e [na maior] destruição que podia ser, sendo a causa principal pecados e mais pecados, desprezo das censuras eclesiásticas, vícios e mais vícios que são os tiranos que destroem as cidades. Não bastando, para emenda, os incêndios passados como também não só o levantamento dos Angolas do Pico, como já referi, nem o dos negros e mulatos

⁸⁴ Numa matéria em que a documentação costuma ser pouco loquaz, para esta insurreição dispomos de um razoável número de fontes. O cônego Manuel do Rosário Pinto dá-nos aqui uma descrição bastante pormenorizada, utilizando para isso um relato anterior, a que nos referiremos mais adiante. Dispomos, além disso, de um manuscrito italiano, não datado, existente no Arquivo Secreto do Vaticano com o título "Relatione uenuta dall' Isola di S. Tomé" (*Fondo Confalonieri*, vol. 33, fls. 372-372 v), que o padre António Brásio divulgou (*MMA*: III, 521-523) e que nós, depois de o termos compulsado com a versão original, publicamos em *anexo*. Dois documentos de 1599 (uma carta da Câmara de S. Tomé e outra do cabido, ambas para o monarca) aludem também directamente aos acontecimentos de 1595 (*MMA*: III, 598-604). O padre Brásio inseriu igualmente na sua antologia monumental um pequeno texto sobre a mesma revolta (*MMA*: III, 524), este totalmente irrelevante, pois provém de uma "Colecção de sentenças", organizada em 1863 (BN - Manuscrito 851), que se limita a recolher algumas informações genéricas de Rosário Pinto, obtidas provavelmente através de Raimundo Cunha Mattos, *Corographia...*, Porto, 1842.

cativos das fazendas das Loubatas que em 20 de Janeiro de 1547(?)⁸⁵ anos determinaram tomar a cidade. Permitted Deus e Senhor Nosso que as suas armas fossem lanças de pau de sebo que podiam servir mais para procissão de sua festa do que para a guerra. Assim, foram desbaratados e presos.

Foi pois o sucesso⁸⁶ que o bispo D. Francisco de Vila Nova mandou prender a João de Oliveira, tesoureiro dos ausentes, a requerimento do provedor da Santa Casa de Misericórdia, pelo dito tesoureiro querer inventariar os bens de um defunto que morreu no hospital. A justiça secular e o senado da Câmara,

⁸⁵ Embora o manuscrito da Ajuda refira o ano de 1547, Cunha Matos, que teve acesso, como se sabe, a outra cópia do texto, fala no *Compêndio...* (1963: 102) de «uma sublevação de escravos que [em 20 de Janeiro de 1517] teve princípio na Fazenda dos Lobatos no Rio Ouro, distrito da actual freguesia de Guadalupe». Na *Corografia...* (1842: 4) apresenta uma versão ligeiramente diferente, mas mantém a data: «No dia 20 de Janeiro de 1517 sentiu-se a primeira comoção intestina nesta ilha: os mulatos e pretos escravos das fazendas de uns fulanos Lobatos, imensamente ricos, amotinaram-se e cometeram (ajudados de outros) grandes destruições». A documentação que conhecemos que trata da situação geral da ilha nos anos de 1517 e 1547 não refere, porém, qualquer rebelião. É certo que, em 1547, há um clima de agitação social na ilha, protagonizado pelos proprietários mestiços, havendo, entre outros documentos, uma carta da Câmara, datada de 1548, que acusa Damião Lopes e João Gonçalves de «estarem em preposyto de se aleuantarem com detreminação de matarem quomantos homens nela estavam e os roubarem e eles fiquarem por senhores dela, sem sogeyção de V.A nem ddoutra nhuma outra pesoa nem Iustiza», com apoio de grande multidão de escravos e homiziados e malfeitores naturais desta ilha (*MMA*: II, 194-195). Será nisso que se fundamentou Rosário Pinto? Ou pretenderia dizer 1617 e a data indicada é lapso seu ou do copista? Efectivamente, «no anno de seiscentos e dezasete sosedeo nesta Ilha hum aleuantamento dos negros crioulos e logo no mesmo dia mandou o governador Miguel Correa Baharem duas companhias de soldados em seguimento dos ditos aleuantados...» (Certificado de Francisco de Almeida Quinta, 20/2/1617, *MMA*: VI, 273).

⁸⁶ Rosário Pinto dispôs, sobre a revolta de Amador de um relato anterior, que parece copiar literalmente, de um autor que não identifica mas que foi provavelmente contemporâneo dos acontecimentos e até participante neles (por exemplo, usa, para falar dos combatentes brancos, o pronome «nós»). Um dos sinais da antiguidade do texto é também o facto de tratar a cidade de S. Tomé por Povoação, hábito que se irá perdendo nos séculos seguintes (Rosário nunca utiliza a expressão em texto próprio, a não ser num único caso: a passagem da Povoação a vila). O facto de se tratar de um texto de proveniência claramente branca e europeia não parece ter incomodado o deão Pinto em subscrevê-lo. Embora utilizando esse relato, Rosário Pinto resolveu, no entanto, anteceder-lo de um comentário de carácter moral, se acaso não existia já, a que juntou informações que possuía sobre levantamentos anteriores. Podemos também pôr reservas à explicação dada, neste parágrafo, como causa geral dos acontecimentos. Não só se trata de um processo que tinha tido o seu *climax* um ano antes da rebelião dos escravos, como não se percebe a relação directa que possa ter com o levantamento em causa. A explicação pode ter sido introduzida por Rosário Pinto, no seguimento do texto moralizante do parágrafo anterior, ou constar já do documento que copia, seguramente de origem eclesiástica. A outra fonte que conhecemos para os mesmos factos, que já referiremos, ignora tais antecedentes. No entanto, se não é possível estabelecer um nexu directo de causalidade, não deixa de ser verdade que o conflito entre os poderosos da ilha pode ter criado um clima de instabilidade que, por certo, enfraqueceu a máquina repressiva e facilitou a fuga e a revolta dos escravos.

com parecer do governador D. Fernando de Meneses, mandaram soltar o preso João de Oliveira, ao que, vendo-o o bispo, os mandou monir⁸⁷ [para] que restituíssem o preso à prisão, e, perseverando aqueles em sua contumácia, lhes agravou as censuras, até chegar a pôr interdito⁸⁸ a 26 de Agosto de 1594, pelas três horas depois do meio dia. Devendo este interdito servir de medicina para emenda, foi incêndio⁸⁹ para que se deixassem estar censurados até 9 de Julho de 1595⁹⁰.

[Nessa data], se levantaram os crioulos cativos desta ilha, tendo por capitão um negro [chamado] Amador, [escravo] que foi de Bernardo Vieira⁹¹, por segundo capitão um Lázaro, [escravo] de Bernardo Coelho, e por alferes, Domingos Preto, [escravo] de Afonso Rodrigues. Deram primeiramente na igreja da Santíssima Trindade, freguesia fora da cidade⁹². Aí mataram alguns homens brancos que estavam na igreja esperando a missa e o capitão Amador, depois de ter bebido vinho de palma no cálice sagrado, mandou que se matasse o cura Matias Luís que na igreja estava para dizer missa. Álvaro, um seu soldado, se ofereceu para a execução do dito cura e o levou para fora da igreja, escondidamente, por haver muito alvoroço e tumulto na dita igreja. Porém, tendo dele compaixão, mandou que fosse embora, escondidamente.

E, feito isto, foram dar na fazenda de Pedro Álvares Freire⁹³, estando ele na dita fazenda. Aí o mataram e mandaram a mulher e a sogra para a cidade e logo queimaram o engenho e casas com o cadáver lá dentro. Este [o fazendeiro] era um dos que o bispo tinha excomungado de participante. Aos 11 [dias] do dito mês [de Julho] queimaram todos os engenhos e fazendas da parte de Daleguê(?)⁹⁴

⁸⁷ Notificar, convocar para depor. As monitórias de carácter eclesiástico eram, em geral, feitas sob pena de excomunhão.

⁸⁸ Censura eclesiástica que retira àquele ou àqueles que nela incorrem, o uso de alguns sacramentos, os officios divinos e a sepultura religiosa (*Constituições...*, 1656: 523).

⁸⁹ Numa frase semelhante usada nesta obra noutra situação (Livro II, cap. 43) diz-se: «devendo este servir-lhe de medicina para a emenda, foi incentivo para que...». É provável que o «incêndio» seja equívoco do copista.

⁹⁰ A frase é um pouco redonda mas, se entendo bem, quer dizer que aqueles que tinham sido vítimas de excomunhão nada fizeram para ser absolvidos até ao início da rebelião que o autor vai começar a relatar.

⁹¹ A tantas vezes repetida lenda de Amador como chefe angular não tem, portanto, qualquer fundamento. A fonte italiana também considera Amador escravo de roça, embora identifique o seu senhor como «un gentil'huomo chiamato Don Ferdinando» (confusão provável com o governador da altura, D. Fernando de Meneses).

⁹² A acção obedece a claramente um plano estratégico, começando por uma freguesia isolada da ilha.

⁹³ O autor italiano (ou o seu copista), talvez confundido pelo apelido ou pelo nome próprio, chama-lhe simplesmente «um padre» (*un prete*).

⁹⁴ Cunha Matos leu Dolegue (C. Matos, 1963: 107).

e da parte de Uba Bundo⁹⁵ e Praia Prata⁹⁶, levaram muitos crioulos espingardeiros⁹⁷ e vieram pôr fogo ao engenho de Pantufa⁹⁸.

E, vendo o governador tanta perda, determinou, com o parecer do bispo, mandar gente armada, contra os ditos levantados, e mandou bandeira ao bispo para benzer, o que ele logo fez e deitou a sua benção a todos, indo a nossa gente para [a roça de] Pantufa.

Os levantados, pelo aviso que tiveram de um seu espia, furtaram-lhes a volta e vieram dar na Povoação. Aí, o bispo, vendo que a causa ia de mal a pior, pôs-se a cavalo com todos os seus clérigos, assim como o governador com algumas pessoas que tinham ficado na Povoação. Foram todos contra os levantados, que já estavam na Feira Velha, aonde pelejaram. Da nossa parte, houve três homens brancos mortos, e foi o inimigo retirando-se, e fizeram posto⁹⁹ na Cruz da Índia, esperando por nós. Como viram ir o bispo a cavalo com toda a clerezia, viraram as costas, e foram-se muito a seu vagar com muita roupa que apanharam na Ribeira¹⁰⁰. No mesmo dia tomaram, a um João de Pina, uma sua égua, em que ia com recados do governador para os soldados que foram para a parte da Água do Alto¹⁰¹. E o dito João de Pina escapou porque, como os vira primeiro, logo descavalgou e [se] escondeu no mato, deixando a dita égua ao pé de uma árvore, e, com o tropel da gente, relinchara de tal sorte que a apanharam.

⁹⁵ Francisco Tenreiro localiza, para o terceiro quartel do séc. XVI, um engenho Uba-Budo, na área a sul da Povoação, um pouco depois da Ponta Praião (Tenreiro, 1957: 5). Havia, na 2ª metade do século XVII, uma fazenda Uba Burdo, aliás abandonada (Serafim, 2000: 205). Manteve-se até aos nossos dias uma roça Uba Budo (na freguesia de Santana) e um local com o mesmo nome na freguesia da Trindade (*Relação...*, 1968: 65-66).

⁹⁶ Embora no manuscrito apareça Praia Prata, trata-se provavelmente de um erro do copista, devendo tratar-se da Praia Preta. Em 1529, o feitor régio na ilha de São Tomé, João de Lobato, anunciava estar a levantar engenhos nas "fazendas da Praia Preta" (*MMA*: I, 505) e, num documento de 1581, volta a haver referência a essas fazendas (*MMA*: IV, 323-334). Situavam-se, como os anteriores, no litoral a sul da Povoação.

⁹⁷ Trata-se, provavelmente, de elementos dos grupos armados, por vezes autênticos exércitos, que alguns fazendeiros possuíam.

⁹⁸ A roça Pantufa, que ficava a sul da cidade, a curta distância desta, pertencia, ou veio a pertencer, à família Alva Brandão. Há hoje uma povoação e uma praia com o nome de Pantufa, na freguesia de N. S. de Fátima (*Relação...*, 1968: 48). Podemos deduzir, portanto, que, nesta fase, foram atacadas sistematicamente as principais roças a sul da Povoação.

⁹⁹ Tomaram posição.

¹⁰⁰ Trata-se, tudo leva a crer, do rio Água Grande, que atravessa a cidade, e onde as lavadeiras cuidavam da roupa, incluindo a das famílias mais ricas. Não deviam faltar aí, portanto, boas peças de vestuário e de roupa de cama.

¹⁰¹ No séc. XVI havia um Rio de Água Alta (também chamada Água de Alto), no Sueste da ilha (C. Santos, 1996: 61, 65 e mapa). Esta iniciativa dos revoltosos inseria-se, talvez, numa manobra de envolvimento da capital.

Aos 12 do dito mês foram queimar os engenhos e fazendas da parte da Água Sabão, e da Alemanha¹⁰², e vendo o bispo tanta perdição e rebelião nos moradores, censurados [pela sua condição] de participantes¹⁰³, imitando o Faraó¹⁰⁴, sem querer dar satisfação para se levantar o interdito mas munido com os olhos da piedade, foi para a sé e, assentado na sua cadeira episcopal, mandou chamar o governador e todos os excomungados de participantes, fez uma prédica e os absolveu, mandando levantar o interdito.

Aos 14 dias do dito mês, sexta feira, dia de S. Boaventura¹⁰⁵, pela manhã, nos investiu¹⁰⁶ o inimigo com um grosso exército que obrigou o bispo e todos os seus clérigos a tomarem armas, pondo-se de fato curto¹⁰⁷ no campo onde se travou um furioso conflito. Não se fazia já caso da vida, pela resolução com que vinha Amador, apelidando-se Capitão General de Guerra e Rei nomeado absoluto, com poder de dar liberdades a todos os cativos. E assim, correndo o campo o valor dos nossos, se pôs [Amador] em fuga. O número certo dos inimigos [abatidos] se não averiguou, da nossa parte houve só um morto, um negro cativo de Leonor Luís, por nome António Cavallo¹⁰⁸. O nomeado rei Amador repartiu o seu exército em quatro mangas, pelas partes principais desta cidade, a saber: pelo caminho da Madre de Deus até ao Cubelo, aonde assentou sua cadeira real, vinha ele, com ânimo de matar todos os brancos e procedidos deles¹⁰⁹; pela rua de Santo António vinha o negro Lázaro por capitão de uma esquadra; pelo mato dos Bois vinha o negro Cristóvão, por capitão dos negros Angola¹¹⁰; e pelo caminho da Conceição vinha o negro fulo crioulo de André

¹⁰² A fazenda da Alemanha, também chamada de Santa Maria dos Mortos, era administrada, nesta altura, por João Barbosa da Cunha, uma vez que fazia parte do morgado que constituía o dote de sua mulher, bisneta de Ana de Chaves.

¹⁰³ Eram abrangidos na excomunhão chamada "de participantes", aqueles que comunicavam com excomungados depois de terem sido expressamente admoestados pelos seus nomes (*Constituições...*, 1656: 464).

¹⁰⁴ Evocação provável do *Éxodo* bíblico, onde se conta que o faraó só depois de sucessivas pragas, cada vez mais devastadoras, aceitou deixar sair do Egito o povo hebraico.

¹⁰⁵ Ao longo do tempo, a festa de S. Boaventura tem sido celebrada a 14 ou 15 de Julho, conforme a data em que os santorais situam a morte do santo. Em 1595, o dia 14 de Julho correspondeu efectivamente a uma sexta-feira.

¹⁰⁶ Este tipo de expressões parece demonstrar que se trata de um testemunho presencial.

¹⁰⁷ Sem as vestes eclesiásticas.

¹⁰⁸ Cunha Matos leu Carvalho (1963: 108).

¹⁰⁹ A hostilidade não era, portanto, dirigida apenas contra os brancos mas também contra os mestiços, como, aliás, refere expressamente o manuscrito italiano.

¹¹⁰ Esta (única) alusão aos «negros Angola» pode levar a supor que os escravos das roças tinham feito uma aliança estratégica com os «Angolares» para a tomada da cidade. Trata-se, no entanto, de uma interpretação que tem de ser usada com todas as reservas, pois pode, no texto, estar-se apenas a identificar a origem étnica de um grupo de escravos. No texto italiano não há a mínima sugestão nesse sentido.

Gomes Pereira; e pela rua de S. João vinha outra manga, tendo por capitão Domingos Preto, [escravo] de Afonso Rodrigues, que mandou queimar toda aquela rua, as casas da Praia e as de Apolónia Fernandes Tristão. E assim quiseram pôr cerco à cidade e a nossa gente marchou em [formação de] batalha, o que, vendo-o o inimigo, se retirou logo, [pelo caminho] por que vinha avançando.

No dia 23 do dito mês, um dos nossos capitães chamado Cristóvão de Aguiar, e o seu alferes Jerónimo de Sá com soldados da sua Companhia, foram a dar sobre um partido do inimigo que estava na fazenda da Água Grande, de André Fernandes, pelo aviso que tivemos dos nossas espias. Antes de chegarem à dita fazenda, acharam na Ribeira um espia deles, por nome Gungu, e, como o fizeram preso, começou a dar vozes de tal sorte que os inimigos, que estavam dormindo descansadamente, acordaram, e, chegados os nossos a eles, se puseram em armas. E se travou furioso conflito, em que morreu o conde Silvestre, cabo do inimigo, crioulo da fazenda de Rui Dias, e os mais foram desbaratados e fugiram. E foram ter com o nomeado rei Amador dando-lhe conta do sucedido, o qual sentiu muito a morte de seu grande e valeroso capitão, conde Silvestre, cuja morte também foi sentida por todos os seus soldados, aonde o nomeado Rei se resolveu a dar-nos uma grande batalha em vingança de seu conde e grande capitão. Com esta notícia, e a de que vinha o inimigo com um grosso exército de cinco mil negros¹¹¹, fez o governador ajuntar todos os soldados e moradores, dando-lhes tal calor que com brevidade se formou um exército, ainda que algum tanto inferior ao do inimigo.

Em 28 do dito mês, acampou o exército do inimigo, pelas duas horas antes de amanhecer, detrás da Igreja de Santo António. El-Rei nomeado vinha em pessoa pela rua da Madre de Deus com muita gente que nos combateu com muita força. E pela rua da Praia Pequena vinha um grande capitão, por nome Cristóvão, com tanta gente que abarcou toda a rua do Espalmadouro até às casas de Gaspar de Moura, que foram do Padre António Pires Caldeira. E [vinha] outra [coluna pela] esquerda, nos Campos dos Bois, aonde vinha por Capitão um Adão, de Praia Prata, e da parte de S. João, vinha por capitão Domingos Preto, [escravo] de Afonso Rodrigues. E vendo ele [o capitão Domingos Preto] que nos não podia combater pela dita parte [de S. João] nem pela da Conceição, por estarem nela duas trincheiras com oito peças de artilharia, com bastantes soldados, se veio incorporar com o nomeado rei Amador, na Cruz da Índia. Tanto que deu o nosso exército vista do inimigo, tivemos medo, porém, como Deus estava do nosso lado, cobrámos esforço. Marchou o nosso exército em [formação de] batalha, logo o inimigo se pôs também em batalha, e se travou um grande combate por todas as partes com notável ardor, que

¹¹¹ É a primeira referência quantitativa (eventualmente exagerada pelo pânico?) em relação aos negros rebeldes.

continuou por quatro horas. O inimigo se retirou, e fugiu com tal ordem que foi seguido até à fazenda de António Vaz.

O número de baixas do inimigo foi de duzentos mortos e muitos feridos e entre estes o maior capitão deles, por nome Lázaro, grande senhor depois do nomeado rei Amador. Também foi aprisionado o capitão Adão, de Praia Prata, o qual foi enforcado. Da nossa parte houve só um morto, um moço de Fernando Dias. E no mesmo dia, depois do combate, foi o nosso Cristóvão de Aguiar, capitão de uma bandeira, com muita gente para fazenda da Cabeça, aonde estavam os negros de assento¹¹² com mulheres e molecas, e muita roupa e fato que furtaram na Povoação, e aí foram presas as ditas mulheres e molecas e trazidas para a cidade com o furto.

Na 2.^a feira, 29 do dito mês¹¹³, começaram a vir os negros, que escaparam, a padrinhar¹¹⁴, ficando só o nomeado rei Amador. Sem poder, e sem soldados se ausentou para trás da Ilha¹¹⁵ e aí fez o seu domicílio em um cepo de pau, dentro do qual se escondia sem ter comunicação com pessoa alguma, mais do que um seu compadre¹¹⁶ que deu traça¹¹⁷ para o amarrarem e, sendo preso, foi enforcado e esquartejado¹¹⁸, e acharam uma rodilha¹¹⁹ de cabelos no seu coração. Antes da sua prisão foram presos, e enforcados, os seus capitães Domingos Preto, Francisco (?) Ilha e Domingos Ana, que depois [do início do] conflito eram nomeados capitães, e a Duarte Amarroco¹²⁰ deceparam-lhe as mãos vivo e depois foi enforcado por matar a seu senhor, Pedro Álvares [Freire].

Deus não sofre tocarem-lhe no que está dedicado ao culto divino de seus templos. Se, porque bebeu El-Rei Baltasar e seus convidados pelos vasos de ouro e prata que serviram no templo de Jerusalém, que era uma sombra da nossa Lei¹²¹, lhe custou a bebida a vida e o reino, que se pôde esperar senão castigo e penas contra o sacrílego e atrevido Amador?

¹¹² Instalados. Parece ser uma espécie de base de rectarguarda.

¹¹³ Se 14 de Julho era uma sexta-feira (ver nota 105), 29 não pode ser 2.^a feira.

¹¹⁴ O mesmo que apadrinhar; pôs-se sob a protecção; pedir amparo aos vencedores.

¹¹⁵ Para a parte ocidental da ilha, que tinha sido objecto de uma colonização europeia muito limitada.

¹¹⁶ Alguém que mantinha com ele laços de parentesco ou de amizade.

¹¹⁷ Maneira, plano.

¹¹⁸ O manuscrito italiano conta a prisão de forma diferente: teriam sido cinco dos principais negros sublevados que tinham trazido à cidade Amador preso; data-a de 14 de Agosto de 1595 e acrescenta mais pormenores à execução. Amador fora primeiro arrastado por um cavalo em cima de uma pele de boi, tendo sido, em seguida, decepado, enforcado e esquartejado, sendo os seus despojos expostos em quatro lugares públicos (ver texto anexo).

¹¹⁹ Pequena roda, feita em geral de trapos torcidos, usada para transportar pesos à cabeça.

¹²⁰ Alguns destes nomes são referidos aqui pela primeira vez. Será que já constavam na versão inicial do relato ou Rosário Pinto utilizou informações de outra fonte?

¹²¹ Repare-se na prudência com que o autor cita o Antigo Testamento, mesmo para efeitos de edificação.

Depois de concluído este sucesso, foi uma lástima o que se havia visto, porque foram queimados setenta e tantos engenhos de açúcar¹²², sem serem bastantes tantos açoutes para haver emenda, e se dar de mãos¹²³ aos vícios.

CAP. XXVI

Da desmembração do Reino do Congo a este bispado de São Tomé

Como o reino do Congo e a costa de Angola haviam já estendido a Cristandade, parecendo a El-Rei D. Filipe que se não podiam governar os ditos reinos por um só prelado de São Tomé, por mais vigilante que fosse, suplicou a Sua Santidade desmembrasse desta diocese os reinos de Congo e de Angola, erigindo novo bispado. Com efeito, foi diferida a súplica no ano de 1596¹²⁴ e se erigiu a igreja principal de São Salvador do dito reino de Congo em Sé Catedral, com bispo, um deão, um chantre, um tesoureiro-mor e seis cónegos.

CAP. XXVII

De como esta cidade foi terceira vez tomada pelos Holandeses

Tinha Deus castigado esta Ilha com diferentes castigos, tocando-a por muitos modos para nos magoar, para que nos movêssemos a merecer perdão, em estar por Misericórdia, que posto tão açoitada e chagada, está feita um espectáculo lastimoso. Não há emenda, acrescentando pecados sobre pecados, fazendo pouca diferença do costume dos brutos, pois com brutalidade se ofende a pureza de Deus, digo, a pureza divina, e se desautoriza a humana.

Por assim ser, aconteceu o que aconteceu no ano de 1599, em que os Holandeses tomaram terceira vez esta cidade. A 20 de Outubro do dito ano, saquearam-na e abrasaram-na¹²⁵ e levaram preso o governador D. Fernando de

¹²² O relato italiano refere “mais de sessenta”.

¹²³ No sentido de abandonar.

¹²⁴ A 20 de Maio desse ano, pela bula *Super specula*, o papa Clemente VIII criou a nova diocese com sede em S. Salvador do Congo (hoje, como inicialmente, M'Banza Congo), cuja igreja foi promovida a catedral. A nova Sé ficava sufragânea do arcebispo de Lisboa. A povoação de S. Salvador foi, na ocasião, elevada à categoria de cidade (Almeida, 1968: II, 26).

¹²⁵ Efectivamente, em meados de Outubro de 1599, uma poderosa frota corsária, de dimensão despropositada para o efeito, organizada em parte pelos Estados Gerais Holandeses, composta por 36 navios e comandada pelo Almirante Pieter van der Does, bloqueou a baía de Ana de Chaves e tomou a cidade. Os habitantes praticamente não ofereceram resistência, refugiando-se,